

# ASPECTUALIZAÇÃO ESPACIAL: UMA PROPOSTA DE ANÁLISE<sup>1</sup>

Claudia Maria Sousa Antunes (UFRJ)

## 1. Introdução

O discurso tem se tornado, nos últimos tempos, motivo de análise de diversas correntes linguísticas. E considerar o discurso pressupõe considerar a interação. A percepção de que a interação é parte constitutiva do ato de linguagem tem provocado a escolha da noção de texto como unidade de análise. E a Semiótica define-se como uma teoria que considera o texto como seu objeto de estudo. Ela procura descrever “o que o texto diz e como ele faz para dizer o que diz” (BARROS, 2005, p. 11). Essa postura teórica advoga que é necessário considerar a existência de sujeitos que determinam a produção de sentido do texto, entendido como um todo provido de uma organização interna (objeto, portanto, de significação) e de um posicionamento sócio-histórico (objeto de comunicação). A Semiótica considera ainda que as condições de produção estão inscritas nos próprios textos, com esquemas de organização textual subjacentes a todos eles. A interlocução entre os sujeitos do discurso (enunciador e enunciatário) é responsável pela construção do sentido do texto, e esse sujeito deixa, no texto, marcas específicas passíveis de serem analisadas. Daí a consideração, por A.-J. Greimas (GREIMAS; COURTÉS, 1994), fundador dessa corrente, de uma análise imanente, além de relacional e estrutural, do sentido. Todo texto, ainda, carrega uma ideologia, o que o situa na história e na sociedade.

A Semiótica de fundamento greimasiano (linha francesa) oferece um instrumental que se baseia no chamado percurso gerativo do sentido, formado pelos níveis fundamental, narrativo e discursivo, cada um com uma sintaxe e uma semântica. A análise aqui proposta se atém ao nível discursivo.

Quanto à sintaxe desse nível, é possível definir processos de discursivização: actorialização, temporalização e espacialização. Esses três processos fundam-se nas operações de embreagem e debreagem. A debreagem disjunge e projeta para fora do ato de linguagem a pessoa, o tempo e o espaço; a embreagem, por outro lado, é o efeito de retorno à enunciação (GREIMAS; COURTÈS, 1994, p. 140). Em relação também aos percursos de discursivização, é possível estabelecer ainda a questão do ponto de vista do

---

<sup>1</sup> Texto publicado em “Aspectualização pela análise de textos” – (org. por Regina Gomes)

observador. Essa questão estabelece a aspectualização do tempo, dos atores e do espaço. No que concerne ao espaço, tem-se a escolha, pelo enunciador, de um ponto de vista de um observador, que impõe uma determinada perspectiva e manipula o enunciatário. É exatamente essa perspectiva que será abordada neste trabalho.

Apesar de a teoria semiótica levar em conta para análise objetos semióticos diversos, englobando tanto os textos verbais quanto aqueles que apresentam uma base visual, musical ou construídos a partir da mistura desses diversos tipos, este trabalho será restrito à análise semiótica de um texto verbal, em língua portuguesa, publicado em forma de editorial em uma revista de viagem e turismo intitulada “VT Viagem e Turismo”, na sua edição de setembro de 2012.

Com base na teoria semiótica greimasiana, procederemos à análise dos procedimentos de aspectualização, mais propriamente da aspectualização espacial, nesse texto midiático. A proposta é verificar como a construção aspectual do espaço favorece a cooptação do leitor, de modo a envolvê-lo para a leitura da matéria divulgada, ou seja, tentar compreender de que maneira os processos de aspectualização colaboram para a produção de seu sentido.

## **2. Teoria semiótica do texto**

A Semiótica pode ser definida como uma teoria geral da significação, na qual o sentido é definido pela conjugação de dois planos: o plano do conteúdo e o plano da expressão. Para manifestar-se, o plano do conteúdo precisa estar associado a um plano da expressão. “Quando um discurso é manifestado por um plano de expressão qualquer, temos um texto” (FIORIN, 1992, p.31). Como, para a teoria, todo texto pode ser caracterizado como um objeto de significação e um objeto de comunicação entre dois sujeitos, essa perspectiva de estudo implica a inclusão dos sujeitos na análise, definidos a partir de sua caracterização como um destinador e um destinatário. Essa teoria tenta conjugar a dupla configuração (aspectos interno e “externo”) do texto, que leva em conta o exame dos procedimentos de organização textual e os mecanismos enunciativos de produção e recepção do texto. A Semiótica insere-se, portanto, no rol de teorias que se preocupam com o texto (BARROS, 2005, p.10).

A partir dos estudos de A.-J. Greimas, em meados do século XX, os procedimentos de análise da Semiótica tornaram-se mais objetivos. Greimas, cuja teoria linguística partiu de uma base saussureana, acrescentou a seus postulados os processos e

dinâmicas introduzidos por L. Hjelmslev, além de uma interface com a teoria de E. Benveniste, que propõe a inclusão do sujeito como parte integrante da análise.

Para essa semiótica de linha francesa, os textos representam a forma de interpretar as coisas do mundo e possuem uma lógica subjacente geral (GOMES, MANCINI, 2009). E todo texto apresenta esquemas de organização que permitem explicitar seus mecanismos de construção do sentido. Cada texto apresenta a interação entre um enunciador (quem fala) e um enunciatário (para quem se fala), que são o desdobramento de um sujeito da enunciação. A análise semiótica aponta, assim, segundo Barros (2005), para o caminho duplo da busca do sentido, formado pelos estudos da organização do texto juntamente com as relações entre enunciado e enunciação, que configurariam o processo de produção do sentido. Segundo essa autora, para “construir o sentido do texto, a semiótica concebe o seu plano do conteúdo sob a forma de um *percurso gerativo*.” (BARROS, 2005, p. 13).

Desse modo, a semiótica greimasiana estabelece uma metodologia que permite a análise de textos pelo estudo do percurso gerativo do processo de produção do sentido. Percurso esse composto pelos três níveis: fundamental, narrativo e discursivo. Cada um desses patamares é passível de uma descrição e apresenta um componente sintático e um componente semântico (FIORIN, 1992, p. 17-18). Segundo esse mesmo autor, o “percurso gerativo é um modelo que simula a produção e a interpretação do significado, do conteúdo”. E

Esse modelo mostra aquilo que sabemos de forma intuitiva, que o sentido do texto não é redutível à soma dos sentidos das palavras que o compõem nem dos enunciados em que os vocábulos se encadeiam, mas que decorre de uma articulação dos elementos que o formam: que existem uma sintaxe e uma semântica do discurso (FIORIN, 1992, p.31).

É um “simulacro metodológico”, como diz Bertrand (*apud* FIORIN, 1992, p. 31), que permite a leitura mais eficaz do texto.

O nível fundamental revela a significação como oposição semântica mínima. É nesse nível mais profundo que se sustentam as outras etapas do percurso, como um nível estruturador e gerador do sentido. A apreensão dos elementos que são recorrentes no texto permite a representação, no quadrado semiótico, dos opostos fundamentais. O quadrado semiótico é a “representação visual da articulação lógica de uma categoria semântica qualquer” (GREIMAS, COURTÈS, 1994, p. 364). Na semântica do nível fundamental, as categorias podem ser positivas (eufóricas) ou negativas (disfóricas).

No nível narrativo, tem-se a organização da narrativa, do ponto de vista de um sujeito. Nele, “os elementos das oposições semânticas fundamentais são assumidos como valores por um sujeito e circulam entre os sujeitos graças à ação também de sujeitos” (BARROS, 2005, p.15).

No nível discursivo, nível da conversão, pelo sujeito, das estruturas narrativas em estruturas discursivas, as relações entre os sujeitos transformam-se em um diálogo entre enunciador e enunciatário. Como um mesmo conteúdo pode ser expresso por diferentes planos de expressão, seu estudo permite a análise da recriação, pelo plano da expressão, dos novos sentidos de um conteúdo (FIORIN, 1992, p. 32). De acordo com Barros,

As estruturas discursivas devem ser examinadas do ponto de vista das relações que se instauram entre a instância da enunciação, responsável pela produção e pela comunicação do discurso, e o texto-enunciado. (BARROS, 2005, p.15)

No nível da semântica discursiva é possível desenvolver as oposições fundamentais em forma de temas e figuras. Segundo Fiorin (1992, p. 64-65), a tematização e a figurativização são dois níveis de concretização do sentido. A figura é todo conteúdo de um sistema de representação que tem um correspondente perceptível no mundo, seja este existente ou construído. E o tema é a categorização, ordenação dos elementos desse mundo. É um investimento semântico de natureza conceptual.

Na sintaxe do discurso, é possível analisar as projeções de ator, de tempo e de espaço da enunciação no enunciado e o relacionamento, como já dito acima, entre enunciador e enunciatário. Existem três procedimentos de discursivização: a actorialização, a temporalização e a espacialização (FIORIN, 1992, p.40). A actorialização instaura a pessoa no discurso, regulando o ator. A temporalização instaura o tempo no enunciado e tem como referência o momento da enunciação. Esse tempo ordena os estados e as transformações no texto a partir de dois sistemas. O primeiro relacionado ao momento da enunciação e o segundo aos momentos e referências instalados no enunciado. São os sistemas enunciativo e enuncivo, respectivamente. Por fim, a espacialização instaura o espaço, determinado por um “aqui” em relação a um “lá”. É em função desse “aqui” que serão determinados um “não-aqui” e um “não-lá”.

Esses três procedimentos relacionam-se às operações de debreagem, movimento que instaura as categorias de pessoa, tempo e espaço no enunciado, o que resulta em diversos efeitos de sentido. O procedimento de debreagem “expulsa”, como já dissemos, para fora da instância de enunciação, a pessoa, o espaço e o tempo do enunciado. A embreagem é o “efeito de retorno à enunciação” (FIORIN, 1995, p. 29).

### 3. Aspectualização espacial

De modo geral, os estudos aspectuais estiveram associados às noções de verbo e de tempo, como se pode notar nas análises empreendidas por Riegel, Pellat e Rioul (2009, p. 517-518). Nelas, os autores expõem como o processo expresso pelo verbo pode ser abordado sob dois diferentes pontos de vista: o cronológico e o aspectual. O ponto de vista cronológico seria estudado sob o ângulo externo e, do ponto de vista aspectual, o processo poderia ser estudado sob o ângulo de seu desenvolvimento interno. Esse desenvolvimento pode ser concebido em sua feição global ou ser analisado em suas fases sucessivas (de seu início a seu fim).

A aspectualização, normalmente definida como “um ponto de vista sobre a ação”, recebe, na visão greimasiana, a figura de um “actante observador para quem a ação realizada por um sujeito instalado no discurso aparece como processo, ...” (GREIMAS & COURTÈS, 1994, p. 29). A aspectualização transforma em processo as funções narrativas de tipo lógico a partir do ponto de vista do observador – sujeito cognitivo instalado no discurso pelo enunciador e responsável pelo fazer receptivo (GREIMAS; COURTÈS, 1994, p. 313-314). Como um dos componentes da conversão das estruturas modais, que explicam a lógica do percurso textual em discurso, a aspectualidade é um procedimento do nível discursivo de conversão das funções dos enunciados narrativos em processo, sendo, por isso, relativamente independente da instância da enunciação (GREIMAS; COURTÈS, 1994, p. 29).

Em síntese, segundo o Dicionário de Semiótica:

[...] compreender-se-á por aspectualização a disposição, no momento da discursivização, de um dispositivo de categorias aspectuais mediante as quais se revela a presença implícita de um actante observador. Esse procedimento parece ser geral e caracterizar os três componentes, que são a actorialização, a espacialização e a temporalização, constitutivos dos mecanismos de debreagem. (GREIMAS; COURTÈS, 1994, p. 39).

A debreagem espacial “expulsa” o espaço para fora do ato de enunciação, criando um “não-aqui” (um “outro lugar” e um “algum lugar”) diferente do lugar da enunciação.

A embreagem é o efeito de “retorno” à enunciação. Para Fiorin, a embreagem “é o mecanismo em que ocorre uma suspensão das oposições de pessoa, de tempo ou de espaço” (1992, p. 52). Esse procedimento aparece após uma debreagem e tem por objetivo

criar um efeito de identificação entre os atores da enunciação e do enunciado. Essa sucessão de embreagens e debreagens institui, no texto, efeitos de realidade.

Apesar de a aspectualização poder caracterizar a temporalização, a actorialização e a espacialização, a temporalização recebeu maior atenção (CALBUCCI, 2009, p. 74), por ter sido, por um tempo, considerada aquela que “permitiu, até o momento, elaborações conceituais que merecem ser consideradas, interpretadas e completadas” (GREIMAS, 1994, p.29).

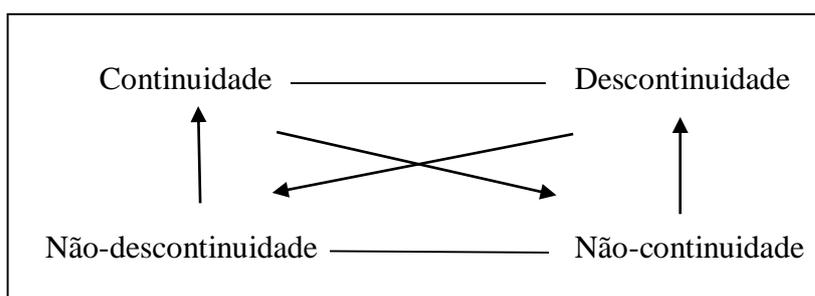
Como dito anteriormente, a aspectualização pressupõe um actante observador que instaura um ponto de vista sobre a cena enunciativa. Esse procedimento é visto como processo e pode ser relativo ao tempo, à pessoa e ao *espaço*.

O termo *espaço* é utilizado em semiótica com diferentes significados, cujo denominador comum seria o de ser considerado um objeto construído (formado por elementos descontínuos) a partir do intervalo, considerado como uma grandeza plena, completa, sem interrupções. Segundo, podemos examinar a construção do objeto-espaço a partir de um ponto de vista geométrico, sem qualquer outra propriedade; psicofisiológico, com a emergência progressiva das qualidades espaciais; ou sociocultural, como organização cultural da natureza (GREIMAS; COURTÈS, 1994, p. 156).

A circulação dos objetos no texto implica a existência de um espaço, pois este é “a distância necessária entre duas posições para que qualquer coisa possa transitar de uma a outra” (LANDOWSKI, 2010, p. 3). O espaço é o lugar convencional de circulação de valores. O trabalho de delimitação espacial configura-se como a passagem de um espaço infinito, sem limites, sem interrupção, para um espaço segmentado, articulado, descontínuo (GREIMAS; COURTÈS, 1994, p. 156).

A aspectualização espacial diz respeito aos lugares que são postos em relação pelo movimento ou pelo ponto de vista dos sujeitos. As categorias de distância podem ser consideradas equivalentes às categorias de duração da aspectualização temporal. Se dois lugares são “distantes”, o observador pode registrar sucessivamente primeiro a partida no primeiro lugar (aspecto incoativo), sua progressão (aspecto durativo) e depois a chegada no segundo lugar (aspecto terminativo). O par de categorias de base “continuidade” e “descontinuidade” são as que mais apropriadamente se encaixam no tratamento da aspectualização. A continuidade, tomando por referência a aspectualização do espaço, apresenta o aspecto cursivo, de trajetória e deslocamento indefinidos. A não-continuidade traz o aspecto da suspensão, interrupção do processo, sem que se constitua a conclusão

de uma trajetória. Apresenta também a característica da reversibilidade. A descontinuidade demarca o ponto a partir do qual o espaço tomado como percorrido pode ser tomado em sua totalidade, como um limite irreversível. Apresenta o aspecto perfectivo, acabado. Por fim, a não-descontinuidade marca a segmentação, a superação de obstáculos, e apresenta o aspecto incoativo, durativo e terminativo (LANDOWSKI, 2010; GOMES, 2011). O quadro abaixo sintetiza essas categorias.



Quadro 1: Categorias aspectuais de base: continuidade e descontinuidade (Landowski, 2010, adaptado).

Existe ainda a possibilidade da recursividade nas categorias aspectuais. A reversibilização do irreversível, por exemplo, marca a sobredeterminação da continuidade sobre a descontinuidade (GOMES, 2011).

#### 4. Análise

Para demonstrar como os procedimentos de aspectualização podem ser utilizados na produção do sentido do texto, procurou-se encontrar, em um editorial de revista de viagem e turismo, intitulado “Para onde você volta?”, as marcas da aspectualização espacial. O texto analisado encontra-se em anexo.

A aspectualização espacial impõe um determinado olhar. Ela determina uma direcionalidade, estabelecendo o que está próximo e o que está longínquo. Mostra os lugares que são postos em relação pela visão dos sujeitos do enunciado ou da enunciação.

Já a partir da observação do título do texto (“Para onde você volta?”), pode-se postular a sinalização, pela utilização dos termos *volta* e *onde*, de um *aqui* diferente de um *lá*, no não-instante da enunciação, que revela a posição e a situação do actante narrador. Esse tipo de posicionamento pode ser relacionado a uma operação de debreagem.

O texto se inicia com uma referência ao livro “A arte de viajar”, de Alain de Botton. Segundo o editorial, o escritor e filósofo

narra, sem muita emoção, uma breve visita ao Distrito dos Lagos, na Inglaterra. Em seguida, ele descreve os ecos dessa viagem, dias depois de ter voltado a Londres, onde mora.

Nesse início do texto, faz-se referência a uma narrativa “sem emoção” de uma visita ao Distrito dos Lagos, na Inglaterra. Os “ecos” dessa viagem é que farão a diferença para o observador, “afastando-o da situação em que então se encontrava”.

Nessa parte do texto, há a interposição de barreiras que são transpostas pela imaginação. A barreira é formada pela volta a Londres, que disjunge o observador do local idílico. Mas o observador retorna ao espaço do Distrito dos Lagos, trazendo para perto de si, novamente, através das lembranças (ecos), as sensações vividas. É interessante notar que, somente quando do retorno, pelas lembranças, ao lugar idílico, o observador dá a elas a dimensão positiva, já que, quando da visita, esta não teve muita “emoção”.

O observador desempenha, então, o papel em uma escala que, aplicada à ação realizada por um sujeito operador instalado no discurso, transforma essa ação em processo inscrito no espaço, transformando, assim, a ‘qualidade’ da realização.

Enquanto esperava num engarrafamento, “acabrunhado de preocupações”, uma visão das árvores do Distrito dos Lagos voltou à sua mente, afastando-o da situação em que então se encontrava. Botton estava tendo uma experiência comum, mas que poucos descreveram tão bem. “Aquelas árvores forneciam um apoio no qual eu podia repousar meus pensamentos. Elas me protegiam dos torvelinhos da ansiedade e, de modo discreto naquela tarde, proporcionaram uma razão para eu estar vivo.”

O texto sinaliza a passagem de um espaço fechado (automóvel no engarrafamento) para um espaço aberto (Distrito dos Lagos), em que o engarrafamento é o espaço do confinamento, da não-continuidade, o espaço de preocupações. Esse percurso da primeira parte do texto vai da passagem de um espaço exterior para um espaço interior e depois, novamente, para um espaço exterior, recuperado na segunda parte do texto, quando há a descrição das praias do Caribe.

Voltei a admirar Botton ao terminar de ler o texto que o Fabrício escreveu sobre um cruzeiro por algumas ilhas do Caribe [...]

Com isso, mostra-se que há uma contraposição axiológica positivo/negativo no texto. O lugar onde se encontra o sujeito é o “aqui”, mas ele retorna, pela imaginação, a

um “lá”, lugar a que ele volta nos momentos de “preocupações” ou “ansiedade”, para então poder “repousar [seus] pensamentos” e proporcionar “uma razão para [ele] estar vivo”.

Essas relações espaciais do tipo “aqui” e “lá”, como em

pensava que o Fabrício estava aqui

ou

ele estava lá

que aparecem na segunda parte do texto, podem ser consideradas como uma debragem enunciativa no texto, aspectualizando-se no momento da transposição do espaço físico (concentrado, fechado, negativo) para o espaço do imaginário (amplo, extenso, aberto, agradável, positivo). Pode ser postulada inclusive uma sobredeterminação da continuidade sobre a descontinuidade. Tem-se a trajetória imaginária de deslocamento, que ultrapassa o obstáculo espacial – a impossibilidade de movimento, a imobilidade – como descontinuidade. A ida a Virgem Gorda é algo concluído, irreversível, mas, através da memória, volta-se à ilha do Caribe e ultrapassa-se a fronteira do possível. Conforme Greimas e Courtés (1994, p. 98), sistemas de referência espaciais, como *aqui* e *lá*, permitem estabelecer redes de posicionamento a que os diferentes programas do discurso espacializado podem fazer referência.

A lembrança da viagem leva o observador novamente ao espaço do prazer, do relaxamento, o que pode ser observado no seguinte trecho da segunda parte, em que há a descrição da praia de Virgem Gorda, visitada durante o cruzeiro pelo Caribe:

... a água entrando e saindo pelas frestas entre as pedras.

E também no trecho em que a praia é descrita como um lugar com

palmeiras lindas, e essas pedras enormes e surreais.

Esse modo de estabelecer a transposição de lugares implica a representação de um universo de valores. E esse modo de perspectiva escolhido influi na significação do texto.

Seguindo Bertrand (2003, p. 113), pode-se perceber, no correr do texto, uma sequência de rupturas que marca o deslocamento do ponto de vista do observador. O

percurso se desenvolve de maneira não-linear, com a disposição dos conteúdos indicando a percepção dos limiares.

O lugar das árvores, na primeira parte do texto, é o lugar do repouso (lugar para “repousar os pensamentos”), espaço aberto, em contraposição ao lugar de onde fala o sujeito, espaço do confinamento (espaço do engarrafamento).

Um limite é estabelecido quando o narrador avisa

Você vai chegar até o fim da reportagem e eu não quero que a sua leitura perca a graça, mas ele termina descrevendo como é o lugar para onde “volta” quando se lembra da viagem.

Alertando que não deseja que a “leitura perca a graça”, mesmo com a menção ao texto que será encontrado ao fim dela.

O contraponto interno/externo produz um efeito de não-linearidade, de possibilidade de “escapada” dos “torvelinhos da ansiedade”. Tanto a visita ao Distrito dos Lagos quanto à praia de Virgem Gorda são lugares para onde se volta.

No final da segunda parte, tem-se novamente a transposição de espaços (interno/externo): de um lado, o espaço real da redação, de outro, o espaço da lembrança.

E eu, que pensava que o Fabrício estava aqui, na minha frente, me dei conta de que ele estava lá, em Virgem Gorda.

O texto apresenta duas instâncias instauradas pelos diversos sujeitos do texto. Primeiramente, há a instância do sujeito narrador, que mostra de que perspectiva os actantes do enunciado se posicionam a respeito do lugar para onde voltariam. E há a instância dos outros dois sujeitos do enunciado que fazem a “viagem” mental para o lugar do antes (idílico).

A comparação entre as duas descrições é fundada em semelhanças: em ambas o observador retorna a um lugar prazeroso, largo, sem limites; em contraposição ao lugar das preocupações, do engarrafamento, do trabalho (o escritório). Desse modo, vê-se que a organização dos elementos descritivos estão a serviço do sentido global do texto e do envolvimento afetivo do leitor.

## **5. Conclusão**

Com base em uma teoria semiótica do texto, de orientação greimasiana, procurou-se analisar o fenômeno da aspectualização, mais propriamente da aspectualização

espacial, em um editorial de revista de viagem. O objetivo era verificar de que maneira a construção aspectualizada dos espaços no texto analisado servia aos propósitos de cooptação do leitor.

Os processos de aspectualização espacial encontrados dão conta de que, a partir da contraposição de espaços, é possível estabelecer um percurso que vai de um *aqui*, perspectivado como o lugar de onde o sujeito parte, para um *lá*, perspectivado como o lugar para onde o sujeito volta. Esse lugar de onde parte o sujeito (*aqui*) seria o lugar do negativo (o engarrafamento, o escritório, o cotidiano) e o lugar para onde ele volta (*lá*), o espaço do positivo, do idílico (o Distrito dos Lagos, a praia de Virgem Gorda). O texto desenvolve-se, assim, a partir da construção de duas situações de deslocamento no espaço: passagem de um espaço fechado, negativo, para um lugar aberto, positivo.

Como se trata de um editorial de revista de viagem, nota-se como esse percurso do texto corrobora para a cooptação do leitor, na medida em que o convida para uma viagem a um lugar a que se pode sempre “voltar”, seja através de uma viagem real, seja através da leitura da publicação ou da imaginação.

Há uma série de rupturas que marcam o deslocamento do ponto de vista do observador. Em uma hora se está no Distrito dos Lagos, em outra no engarrafamento. Em um momento se está no escritório, na redação da revista, em outro já se está em uma ilha do Caribe. No primeiro momento do texto, o espaço das árvores é o espaço aberto, enquanto que o espaço do carro no engarrafamento é o espaço fechado. Na segunda parte do texto, o escritório é o lugar em que está o sujeito, novamente fechado, mas ele retorna a um *lá*, espaço aberto, na praia de Virgem Gorda, mostrado como espaço positivo.

O texto é, portanto, calcado em instâncias diversas: um sujeito da enunciação (narrador) que instancia outros dois sujeitos que se posicionam conforme os espaços que sinalizam. Vale lembrar que o narrador é o que mostra o caminho percorrido pelos outros dois (que fazem a viagem). E todos esses caminhos levam à aceitação pelo leitor dos valores transmitidos pelo texto.

## Referências

AGUERRE, G. Para onde você volta? [Editorial]. *Revista Viagem e Turismo*. Set. 2012, p. 10.

BARROS, D. L. P. de. *Teoria semiótica do texto*. 4 ed., São Paulo: Ática, 2005.

\_\_\_\_\_. Affichage et temporalisation. *Nouveaux Actes Sémiotiques. Actes de colloques*, 2004, Affiches et affichage. Disponível em: <<http://revues.unilim.fr/nas/document.php?id=1714>>. Acesso:24/01/2010.

BENVENISTE, É. *Problemas de linguística geral*. v. II; [trad. Eduardo Guimarães et al]. Campinas, SP: Pontes, 1989.

BERTRAND, D. *Caminhos da Semiótica literária*. São Paulo: EDUSC, 2003.

CALBUCCI, E. Modalidade, paixão e aspecto. *Estudos Semióticos*. [on-line] Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/dl/semiotica/es> i. Editores Responsáveis: Francisco E. S. Merçon e Mariana Luz P. de Barros. V. 5, Núm. 2, São Paulo, nov. 2009, p. 70–78. Acesso em 20 set. 2012.

FIORIN, J. L. *Elementos de análise do discurso*. São Paulo: Contexto. 1992.

\_\_\_\_\_. A pessoa desdobrada. In: *Revista Alfa*, São Paulo, 39, 1995. p.23-44.

\_\_\_\_\_. Enunciação e semiótica. In *Revista Letras*, Universidade Federal de Santa Maria. Centro de Artes e Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras, Santa Maria, jan. jun. 2008.

FONTANILLE, J. (org.). *Le discours aspectualisé*. Limoges: PULIM; Amsterdam: Benjamins, 1991.

GOMES, R. *Aspectualização e modalização no jornal: expectativa e acontecimento*. [Texto inédito].

\_\_\_\_\_. *Aspectualização em poemas publicados em sites de poesia*. Paris, 2011 [inédito].

GOMES, R.; MANCINI, R. *Textos midiáticos: uma introdução à semiótica discursiva*. IX FELIN, UERJ, Rio de Janeiro, 2007.

GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. *Dicionário de semiótica*. São Paulo: Cultrix, 1994. (Publicado originalmente em francês sob o título *Sémiotique. Dictionnaire raisonnée de la théorie du langage*. Paris: Hachette, 1979).[trad. de Alceu Dias Lima et alli,).

LANDOWSKI, E. Régimes d'espace. *Nouveaux Actes Sémiotiques* [Publié en ligne le 2 mars 2010 ]. Recherches sémiotiques. Disponible sur: <<http://revues.unilim.fr/nas/document.php?id=3344>> (consulte le 02/07/2012).

RIEGEL, M.; PELLAT, J-C; RIOUL, R. *Grammaire méthodique du français*. Paris: Quadrige/PUF, 2009.

ZILBERBERG, C. Síntese da gramática tensiva. In: *Précis de grammaire tensive*. Tangence, n. 70, automne 2002, p. 11-143.

## **ANEXO**

**Para onde você volta?**

A dada altura de *A Arte de Viajar*, o escritor e filósofo suíço Alain de Botton narra, sem muita emoção, uma breve visita ao Distrito dos Lagos, na Inglaterra. Em seguida, ele descreve os ecos dessa viagem, dias depois de ter voltado a Londres, onde mora.

Conta Botton que, enquanto esperava num engarrafamento, “acabrunhado de preocupações”, uma visão das árvores do Distrito dos Lagos voltou à sua mente, afastando-o da situação em que então se encontrava. Botton estava tendo uma experiência comum, mas que poucos descreveram tão bem. “Aqueles árvores forneciam um apoio no qual eu podia repousar meus pensamentos. Elas me protegiam dos torvelinhos da ansiedade e, de modo discreto naquela tarde, proporcionaram uma razão para eu estar vivo.” Não é maravilhoso?

Voltei a admirar Botton ao terminar de ler o texto que o Fabrício escreveu sobre um cruzeiro por algumas ilhas do Caribe (*Inspiração azul*, na pág. 100). Você vai chegar até o fim da reportagem e eu não quero que a sua leitura perca a graça, mas ele termina descrevendo como é o lugar para onde “volta” quando se lembra da viagem.

“Tinha umas palmeiras lindas, e essas pedras enormes e surreais”, ele ia me contando, “com uns gomos que as tornavam sinuosas, sensuais.” “Era tão bonito ficar ali, vendo a água entrando e saindo pelas frestas entre as pedras”, continuava a me dizer. E eu, que pensava que o Fabrício estava aqui, na minha frente, me dei conta de que ele estava lá, em Virgem Gorda.

Voltar talvez seja a melhor parte. E dá para fazer isso sempre.

Um abraço,

Gabriela Aguerre  
Diretora de redação  
Revista Viagem e Turismo